

Cultura popular e as performances juninas: Reflexões sobre os relatos performativos no 17º Circuito Junino de Rio Branco-Acre

Popular Culture and June Festival Performances: Reflections on the performative accounts at the 17th June Festival Circuit of Rio Branco-Acre

José Eliziário de MOURA¹
Francisco Aquinei Timóteo QUEIRÓS²

Resumo

Este estudo objetiva analisar as temáticas das quadrilhas juninas e os relatos de espectadores do 17º Circuito Junino de Rio Branco (CJRB) à luz da teoria da performance, visando a compreender o conceito de cultura enquanto ato performativo para sugerir novas construções de sentidos de maneira crítica, assumindo diferentes papéis socioculturais. A cultura como instrumento de crítica. O objeto de estudo é o 17º CJRB e o corpus está composto por relatos de espectadores. A metodologia foi a pesquisa bibliográfica de cunho documental, analisando matérias jornalísticas de circulação online e outras fontes por meio do referencial teórico baseado na teoria da performance (Schechner, 2006), da Cultura em Canclini (1998), da linguagem e cultura em Bakhtin (2010). Como resultados, percebemos que as temáticas apresentadas pelos grupos juninos e o entendimento de parte dos espectadores sobre a cultura e as performances ainda estão atreladas apenas a noções de divertimento e entretenimento.

Palavras-chave: Cultura. Performance. Grupos juninos. Competições.

Abstract

This study aims to analyze the themes of the June festivals and the accounts of spectators of the 17th Rio Branco June Festival Circuit (CJRB) in light of performance theory, seeking to understand the concept of culture as a performative act in order to suggest new constructions of meaning in a critical way, assuming different sociocultural roles. Culture as an instrument of critique. The object of study is the 17th CJRB and the corpus is composed of spectator accounts. The methodology was bibliographic research of a documentary nature, analyzing journalistic articles circulating online and other sources through a theoretical framework based on the theory of performance (Schechner, 2006), Culture in Canclini (1998), and language and culture in Bakhtin (2010). As a result, we

¹ Doutorando em Letras: Linguagem e Identidade (UFAC). Docente EBTT do IFAC. Bolsista Capes. E-mail: jose.moura@ifac.edu.br

² Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos). Professor do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e identidade (PPGLI). Líder do grupo de pesquisa Narrativa, Literatura e Jornalismo (NALIJOR). E-mail: francisco.queiros@ufac.br

observed that the themes presented by the June festival groups and the understanding of some spectators regarding the culture and performances are still linked only to notions of fun and entertainment.

Keywords: Culture. Performance. June festivals. Competitions.

Introdução

Apresentamos neste artigo científico a temática focada no diálogo da cultura enquanto *performance*, constituindo categoria analítica integrante do estudo que constitui parte de uma pesquisa de doutoramento em andamento intitulada: As produções de sentidos nas quadrilhas juninas de Rio Branco, Acre: Um estudo sobre performances e afetividades da Junina Pega-Pega veiculada pelo Programa de Pós-Graduação Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (UFAC).

O objetivo principal é analisar as temáticas das quadrilhas juninas e os relatos de espectadores do 17º Circuito Junino de Rio Branco (CJRB) à luz da teoria da performance, visando a compreender o conceito de cultura enquanto performance para sugerir novas interpretações de maneira crítica, assumindo diferentes papéis socioculturais. Ademais, caminhamos na perspectiva de que, por meio da pesquisa, as práticas performativas sejam reconhecidas como fenômeno cultural de abrangência crítica social. O corpus é composto por relatos de espectadores do evento em estudo, os quais foram transcritos e publicados por profissionais das mídias locais e analisados por nós no presente estudo.

Como estratégia teórico-metodológico para a geração e análise do corpus, adotamos a metodologia de pesquisa qualitativa, documental com base no método bibliográfico. A partir do qual foram selecionados quatro sites de notícias de circulação online em Rio Branco, incluindo o site oficial da Prefeitura Municipal de Rio Branco (PMRB), como fontes de informações sobre as apresentações performáticas das quadrilhas juninas e as performances realizadas no 17º CJRB.

O embasamento teórico dessa pesquisa esteve ancorado nas reflexões sobre os estudos da teoria da performance (Schechner, 2006), da Cultura Popular em Canclini (1998), da linguagem e cultura em Bakhtin (2010) e entre outros autores que problematizam os conceitos e funções da Cultura Popular como estratégia de visibilidades das questões sociais e não apenas como divertimento e lazer para a população.

Procedimentos teórico-metodológicos: performances, Cultura Popular e suas nuances performativas no fazer junino

Victor Turner (1974) desenvolve uma interpretação aprofundada acerca das *performances* rituais e dos processos simbólicos de transição vivenciados pelos indivíduos no interior das sociedades. Com base nessa perspectiva, o autor identifica três fases fundamentais que estruturam os chamados ritos de passagem. A primeira corresponde à separação (fase pré-liminar), momento em que o indivíduo se afasta simbolicamente de sua posição social anterior, marcando a ruptura com o status previamente ocupado. A segunda etapa refere-se à liminaridade (liminar, marginal, soleira), caracterizada por um período intermediário no qual o sujeito se encontra em uma condição de transição, situando-se entre dois estados sociais distintos. Nesse estágio, interpretamos que o indivíduo permanece em uma posição ambígua, ainda não plenamente integrado à nova condição social. Por fim, a terceira fase é denominada reagregação ou reincorporação (pós-liminar, adaptação), momento em que o sujeito é reintegrado à comunidade, passando a ocupar um novo papel ou posição social socialmente reconhecida.

Ao transpor essas reflexões para o contexto das quadrilhas juninas, observamos na formação do quadrilheiro a trajetória de crianças pertencentes a famílias de integrantes que, ao longo do tempo, passam de uma posição de espectadores ou acompanhantes para a condição de participantes ativos dos espetáculos. Esses sujeitos passam a se integrar, gradativamente, às práticas performativas e às estruturas organizacionais dos grupos juninos. Refletindo sobre os fatos, infere-se que as festas e as quadrilhas juninas podem ser compreendidas também como espaços de socialização e de transição simbólica, influentes da formação de indivíduos, nos quais se articulam processos de continuidade cultural e de produção identitária no interior das comunidades, gerando questionamentos e interpretações distintas.

No âmbito cultural, Canclini destaca que o patrimônio histórico e as culturas tradicionais revelam novas funções no presente quando analisados a partir da “sociologia política”, sobretudo ao se investigar de que modo determinados poderes, muitas vezes fragilizados ou contestados, recorrem à teatralização e à celebração do “passado” como estratégia de legitimação no “presente” (Canclini, 1998, p. 25). Tal reflexão torna-se

particularmente relevante para a problematização das manifestações da Cultura Popular, como os festejos e as quadrilhas juninas, nas quais tradição, espetáculo e política frequentemente se entrelaçam, produzindo narrativas e discursos que devem ser problematizados à luz das teorias.

Com a finalidade de contextualizar as teorias que articulam as performances e cultura no interior da nossa pesquisa, dialogamos com alguns conceitos relativos aos estudos da Cultura Popular em convergência com a teoria das performances (Schechner, 2006). Nos estudos performativos de Schechner (2006) é fundamental ressaltar que há uma diferença nas seguintes expressões:

[...] *é performance*” e “é interpretado (a) enquanto *performance*”. [...] Existem limites para o que “é” *performance*. Mas quase tudo que existe pode ser estudado “enquanto” *performance*. Algo “é” *performance* quando os contextos histórico e social, a convenção, o uso, a tradição, dizem que é. Rituais, jogos e peças, e os papéis da vida cotidiana são performances porque a convenção, o contexto, o uso, e a tradição assim dizem. Não se pode determinar o que “é” *performance* sem antes se referir às circunstâncias culturais específicas. (Schechner, 2006, p. 39).

Assim, nesse trabalho, destacamos, a cultura “enquanto performance” para retratar o conceito cultural de forma mais abrangente no fazer performativo. Vale ressaltar o pensamento de Schechner (2006), afirmando que, no campo das artes, o conceito de “realizar *performance*” refere-se à materialização de uma excelência expressiva por meio de manifestações como espetáculos, encenações teatrais, danças ou concertos. Assim, “[...] uma pintura ou um romance podem ser performativos ou serem analisados “enquanto” *performances*” (Schechner, 2006, p. 31), ou seja, numa perspectiva dinâmica que sugere construção de sentidos.

Nessa mesma direção, Schechner (2006) nos convida a refletir sobre o conceito de performance apontando oito ocasiões em que o indivíduo pode realizar performances: “1. na vida cotidiana – cozinhar, sociabilizar, “ir vivendo”; 2. nas artes; 3. nos esportes e outros entretenimentos de massa; 4. nos negócios; 5. na tecnologia; 6. no sexo; 7. nos rituais – sagrados e temporais e 8. em ação (Schechner, 2006, p. 32).

O autor ressalta essa lista de apenas oito maneiras, mas, segundo ele, há um número incontável de tipos de *performances* nas práticas socioculturais. Inclusive, podemos pensar naquelas que dialogam com as manifestações culturais que são as performances produzidas pelas quadrilhas juninas, cuja abrangência alcança diversas

temáticas socioculturais que recriam e ressignificam imagens do cotidiano como expressão cultural e performativa, capazes de produzir divertimento, mas também fricções na sociedade.

Diante de tensões sociais, torna-se fundamental pensar o fazer cultural mediado pelas performances juninas, constituindo espaços de resistência e de luta social, nos quais, diferentes vozes possam emergir, ser ouvidas e valorizadas no interior da vida coletiva. As temáticas sociais, no âmbito do fazer junino, deveriam fazer alusão a questões sociais como saúde, educação, meio ambiente e outras políticas de proteção às pessoas. Dessa forma, poderiam ser compreendidas como arenas simbólicas e performativas para se expressarem de forma crítica, direta ou indiretamente, funcionando como espaços de visibilidade, crítica e denunciante das desigualdades que atravessam a sociedade nas práticas culturais.

Nesse contexto, Canclini observa que as elites econômicas e os poderes políticos frequentemente se apropriam dessas manifestações culturais por meio de lógicas capitalistas de produção e circulação simbólica. Tal dinâmica resulta na constituição do que o autor denomina de “falso folclore”, isto é, uma forma de representação cultural reorganizada e ressignificada para atender às demandas de um “mercado simbólico”, consumista e internacional (Canclini, 1998, p. 199).

No contexto dos estudos culturais, no âmbito das transformações nas performances juninas, Chianca (2007) argumenta que, no contexto dessas práticas atuais, as práticas performativas são apresentadas com certa sofisticação na produção de figurinos, coreografias, teatralidades e outras inovações que podem ser entendidas como uma narrativa histórica a partir de uma temática representativa das realidades locais.

Dessa maneira, os quadrilheiros, considerados profissionais ou amadores desenvolvem seu trabalho artístico e cultural, produzindo expressões afetivas, amistosas, familiares e amorosas com o intuito de reduzir, emocionalmente, seus conflitos, seus desafios do cotidiano, não apenas os seus anseios, mas de grande parte da sociedade. De acordo com Menezes Neto (2015), nesse novo modelo de quadrilhas juninas, chamadas de estilizadas por Chianca (2007), o repertório não se restringe a “xotes, xaxados e baiões, porém, o destaque é a inserção do ‘forró eletrônico’ ou ‘elétrico’ e de outros sucessos da rádio e da televisão (Neto, 2015, p. 107) que são revitalizados e adaptados em novas gravações.

Desse modo, Zaratim (2021) afirma que as transformações performativas alcançaram o universo da dança e da música que produzem diálogos por meio de coreografias e recriadas versões musicais com dinamismo nos ritmos e instrumentação nas regravações do repertório musical. O sentido dessas transformações pode ser ratificado, refletido sobre a ideia de convergência com a teoria da *performance* defendida por Schechner (2006), a qual propõe oito funções performativas que são: “entreter, construir algo belo, formar ou identificar uma identidade, construir ou educar uma comunidade, curar, ensinar, persuadir e/ou convencer, lidar com o sagrado e/ou profano” (Schechner, 2006, p. 46). Nessa perspectiva schechneriana, entendemos que, pensando as quadrilhas juninas enquanto performance, essas práticas devem exercer não só a função de divertir, entreter, produzir a beleza, mas também de educar, criticar a partir da prática da persuasão.

Contextualização do 17º Circuito Junino de Rio Branco (CJRB)

Com a intenção explorar a análise da pesquisa, apresentamos informações sobre o 17º Circuito Junino rio-branquense (CJRB), o qual constitui nosso objeto de estudo. Esse evento competitivo de quadrilhas juninas foi realizado no período de 20 a 22/06/2025 e se configurou, em seu discurso publicitário, como um espaço de celebração da cultura dita popular, destinado à valorização das experiências locais expressas na dança, na música e no teatro, dialogando com práticas da economia criativa, conforme narrativa apresentada por veículos da imprensa online de Rio Branco.

De acordo com informações divulgadas no site da Prefeitura Municipal de Rio Branco (PMRB) os grupos foram contemplados com as premiações que foram distribuídas da seguinte forma: A grande campeã do CJRB foi a Junina Sassaricano na Roça, que alcançou a pontuação de 249 pontos. O segundo lugar ficou com a Junina Pega-Pega e o terceiro, com a Malucos na Roça.

Conforme informações publicadas no jornal online da “Contilnet notícias”³ o 17º CJRB foi realizado por meio de edital de livre acesso à comunidade quadrilheira rio-branquense que contemplou oito grupos de quadrilhas de Rio Branco. Dentre os grupos participantes, podemos citar os seguintes: O primeiro, denominado Cristo Libertador

³ Disponível em: < <https://contilnetnoticias.com.br/>. Acesso em: 02 abr. 2026>.

(CL) na Roça, foi fundado em 10/01/1995 no bairro Boa União pela coordenadora Francilene (Lene) e jovens da Paróquia Cristo Libertador. O mencionado grupo, desde 2001, participa ativamente de competições de quadrilhas em Rio Branco. No referido evento junino de 2025, ele apresentou o tema que abordou o cinema brasileiro “Não sei, só sei que foi assim”. O enredo foi inspirado no filme o “Auto da Compadecida” inspirado na obra de Ariano Suassuna (1975).

O segundo, com o nome Junina Assanhados na Roça, contou com 50 participantes e apresentou suas performances com o tema: “O pedido”, constituído a alusão à expressão futurista que revela o pensamento: sonhar na esperança de um futuro melhor. O terceiro grupo inscrito foi a Junina Pega-Pega (JPP), com 29 anos de existência no fazer junino rio-branquense, apresentando o tema: “É de laço, é de nó”. Com isso, o grupo traz ao cenário uma homenagem à cultura nordestina representada pelo vaqueiro. Por outro lado, a quadrilhas junina homenageou o peão de rodeio em alusão às festas de rodeio que abrangem diferentes regiões do Brasil.

O quarto grupo quadrilheiro participante foi a Junina Malucos na Roça, ensaiada e produzida na praça da Juventude, localizada no bairro Cidade Nova. O grupo junino já possui uma trajetória de 25 anos. O tema defendido foi “O boato”, enredo que fez alusão ao desequilíbrio ambiental de Rio Branco com períodos de secas e enchentes que aflige as populações urbanas que vivem às margens do rio Acre. Essa quadrilha foi a campeã no 16º CJRB realizado em 2024 e tentou o título de bicampeã.

O quinto grupo junino apto a participar do evento foi a Junina Explode Coração com o tema: “Isso é Calypso”, abordou a história do ritmo que fascinou muitas pessoas durante os anos 2000 por suas performances, sonoridades e coreografias. Ademais, houve ainda a presença do sexto grupo junino, denominado Junina Matutos na Roça. Esse foi formado por noventa participantes, cuja sede tem endereço no bairro Aeroporto Velho há 25 anos. O grupo quadrilheiro apresentou o tema: “A força do destino, desenvolvendo seu enredo com primazia, cujo destaque foi para a história de pessoas que se encontram e se reencontram em diferentes contextos, apesar das circunstâncias adversas da vida cotidiana.

Na sequência, o sétimo grupo junino inscrito no certame foi a Junina Sassaricano na Roça (JSR), com 22 anos de formação, sendo composto por um elenco de 150 participantes entre brincantes e equipe de apoio. A JSR apresentou o tema: “Maria, mãe da pureza”, homenageando às Marias mulheres de coragem, luz e fé inabalável. Vale

ressaltar que esse grupo foi muito aplaudido. O público demonstrou um sinal de respeito à religiosidade.

E, por último, vale mencionar o oitavo grupo junino inscrito que foi a Junina Escova Elétrica. O grupo apresentou o tema folclórico amazônico abordando: “Lendas, a história do Boi assombroso”, um personagem que se apaixona por uma bela moça. Assim, observamos que, entre os oito grupos, pelo menos esse deu ênfase às lendas folclóricas da Amazônia.

Síntese da temática apresentada pela Junina Malucos na Roça (JMR) e o conceito de Cultura numa perspectiva performativa

Com a intenção de fomentar discussões acerca da visão da cultura enquanto performance, ou seja, abordar a função abrangente das festividades culturais e performativas que vão muito além do divertimento, analisamos a proposta temática apresentada pela Junina Malucos na Roça (JMR). A princípio, verificando o discurso narrativo e performativo expresso no desenvolvimento do tema que revelou o sentimento de preocupação com a questão emergente na cidade de Rio Branco que é a seca no verão e as cheias do rio Acre no inverno. Esse foi o destaque da JMR com o tema “Boatos”. No desenvolvimento da temática, o enredo fazia alusão ao desequilíbrio ambiental rio-branquense, focando nas condições degradantes do rio Acre.

Faremos, assim, um recorte descritivo da apresentação da JMR, conforme nossa interpretação do vídeo publicado no site *youtube*⁴ sobre o desenvolvimento de sua temática denominada “Boatos” que, julgamos muito pertinente para produzir reflexão na apreciação dos espectadores do evento junino. No entanto, julgamos complexo o discurso do marcador que ao iniciar a apresentação do espetáculo, enunciou o seguinte relato:

Esse ano agora passado (2024), mais de 600 toneladas de lixo foram retiradas do rio Acre. De quem é a culpa? Geralmente, as pessoas falam do governo, mas se eu pensar bem, o governo sou eu. Então, a culpa é sua, é minha, ou é nossa? Só quero trazer essa reflexão para você [...]. (marcador da JMR- discurso de abertura da apresentação).

⁴ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=>>. Acesso em: 09 abr. 2026.

Ao analisarmos o posicionamento discursivo do marcador durante a apresentação, observamos que sua intervenção não se mostrou plenamente coerente com a proposta estética e narrativa do espetáculo apresentado pela quadrilha JMR. Em determinado momento da fala, entendemos que o discurso atribuiu à população a responsabilidade pela poluição do rio Acre, sugerindo que o acúmulo de resíduos retirados do leito do rio em ações governamentais decorreria, sobretudo, das ações dos próprios moradores. Tal afirmação, entretanto, revela-se problemática, pois implica uma generalização que responsabiliza a coletividade sem considerar a complexidade das dinâmicas socioambientais geradas pelos períodos secos e chuvosos que ocorreram em Rio Branco nos últimos anos.

Além disso, a forma como essa afirmação foi apresentada mostrou-se pouco adequada ao contexto festivo do 17º CJRB, uma vez que o momento estava sendo marcado pela celebração cultural e não pela imputação direta de responsabilidades incumbida à comunidade presente por falta de cuidados com o rio Acre. Nesse sentido, uma abordagem mais coerente poderia ter enfatizado a importância do cuidado coletivo dos moradores em parceria com os governantes, destacando práticas performativas cotidianas (Schechner, 2006) de preservação ambiental, articuladas no processo de manutenção das margens, expressando a dedicação e o zelo pela limpeza dos bueiros e à conscientização da população sobre o descarte de resíduos em locais adequados

A narrativa do enredo da JMR, no cenário do casamento junino, desenvolveu-se a partir de uma trama marcada por conflitos sociais, centrada na relação entre uma personagem humilde (noiva), representada por uma lavadeira de roupas e o filho (noivo) de uma mulher proprietária de dragas, empresas destinadas à retirada de areia do rio Acre com a finalidade comercial. Conforme nossa interpretação, o enredo aponta paradoxos, uma vez que a prática de extrair areia do rio Acre parece uma ação muito conflitante com a proposta de cuidar do maior manancial de água potável da capital acreana, gerando complexidades no enredo proposto pela agremiação quadrilheira.

Nessa temática da JMR, conforme nossa interpretação, a construção da produção dramática procurou articular elementos do cotidiano rio-branquense, evocando contextos de épocas passadas e mobilizando personagens socialmente situados em realidades distintas. Tal configuração narrativa buscou tensionar relações sociais e familiares permeadas por desigualdades e preconceitos no contexto regional, envolvendo diferentes situações socioculturais. Contudo, observa-se que, embora o enredo tenha

apresentado essas tensões, a encenação não aprofundou uma problematização crítica ou uma dramatização voltada à contestação explícita dessas desigualdades e nem apontou formas de perceber e valorizar o fazer cultural do homem ribeirinho em suas ações performativas como a preservação do rio, um conjunto de performances cotidianas (Schechner, 2006).

Ainda assim, apesar da complexidade na apresentação da JMR, nas ideias de Schechner (2006), discutindo o conceito performativo, podemos entender que, de alguma maneira, as ações teatrais dos atores constituem *performances*, pois “as escolhas pessoais feita pelos atores, diretores e autores, os múltiplos padrões culturais, as circunstâncias históricas, e as particularidades da recepção” (Schechner, 2006, p. 38), no contexto da produção teatral podem ser denominadas de performances que contemplam movimentos restaurados e outras formas de linguagem em processos que sinalizam a cultura enquanto *performance*. Assim, o autor afirma que, na “perspectiva da prática cultural, algumas ações serão julgadas performances e outras não; e isto varia de cultura para cultura, de período histórico para período histórico” (Schechner, 2006, p. 39), inclusive no contexto dessa pesquisa com o exemplo que acabamos de apresentar. Nessa perspectiva, no campo da linguagem, ler, compreender, questionar, criar, interpretar o sentido das ações de outrem, também constitui *performance* (Austin, 1990).

Nesse sentido, observa-se que a temática associada ao tema: “Boatos” apresentada pela JMR, envolvendo um recorte da história do rio Acre não apresentou perspectiva cênica com relevância crítica aos governantes. Tal questão revela-se particularmente complexa, uma vez que remete a problemáticas de natureza ambiental, econômica e política relacionadas à exploração dos recursos naturais do rio, envolvendo, inclusive, instâncias de gestão e de regulamentação pública no âmbito do governo estadual. Nesse sentido, embora o enredo sugira a possibilidade de uma crítica social, a abordagem apresentada no espetáculo permanece predominantemente em um nível alusivo, sem avançar para uma problematização mais analítica das implicações socioambientais subjacentes à narrativa dramatizada.

Observamos que o enredo foi desenvolvido de forma imprecisa. Não houve críticas aos personagens que, certamente, deveriam cuidar do rio Acre: - os gestores ambientais. Observamos que, no enredo não houve simbologias que apontassem, pelo menos de forma disfarçada, linguagem metaforizada, os descasos de autoridades no que se refere ao cuidar do meio ambiente em Rio Branco.

Nesse sentido, percebemos que a arte e a cultura nem sempre tem sido mobilizada em sua dimensão crítica, conforme sugerem as reflexões de Bakhtin (2010). Para o autor, a cultura não deve restringir-se à função de entretenimento ou de mero divertimento destinado ao público. Ao contrário, ela deve assumir um papel crítico e social mais amplo, capaz de suscitar reflexões e problematizações acerca das contradições e dos conflitos que atravessam a vida coletiva. Desse modo, a produção artística e performativa das quadrilhas juninas pode constituir-se como espaço privilegiado de enunciação e de crítica social, trazendo à tona questões que interpelam a realidade histórica e cultural das sociedades.

Nesse cenário, apresentamos o relato da integrante da quadrilha Junina Matutos na Roça, sediada no bairro Aeroporto Velho foi transcrito e veiculada pelo jornal online “A Gazeta do Acre”⁵, evidenciando a valorização de elementos como afeto, emoção e sentimento após a apresentação do casal mirim Luna Alves e Nicolas Duarte, cuja performance foi intensamente aplaudida pelo público presente. Nesse contexto, o relato sugere que a recepção do espetáculo é fortemente atravessada por dimensões sensíveis, que tendem a sobrepor-se a possíveis avaliações críticas mais distanciadas.

A espectadora, Narraiane Duarte, mãe de Nicolas, atua também como coordenadora, intérprete do papel de noiva e designer de figurinos da referida quadrilha. Em seu relato, demonstrou sua satisfação com a apresentação, expressando sua alegria e orgulho ao comentar a participação do filho no espetáculo, conforme observamos em suas palavras:

Eu costumo dizer que a cultura, ela muda sim a pessoa. Ela tem um poder imenso de fazer famílias, unir famílias, juntar amigos. E o Nicolas é um menino raiz. Dancei grávida dele, ele foi envolvido na cultura desde a barriga. Hoje, quando vejo meu filho dançando, me sinto honrada, feliz e grata a Deus por ter escolhido esse caminho. A cultura ensinou meu filho a falar, a se expressar, a ser generoso. Ele é um espelho de amor, de pureza, de delicadeza. E eu estou muito feliz por ele ter escolhido isso para a vida dele (Narraiane Duarte – espectadora e participante da Junina Matutos da Roça).

Na nossa interpretação, a partir do depoimento apresentado, a mãe de Nicolas manifesta seu amor pela cultura junina, entendendo-a como forma de aproximação, união e afetividade. Ela expressa o sentimento de gratidão ao reconhecer os hábitos e atitudes

⁵ Disponível em: < <https://agazetadoacre.com/>. Acesso em: 02 abr. 2026>

positivas no desenvolvimento das habilidades performativas do filho com previsão de seguir os caminhos artísticos traçados pelos pais na cultura junina. Nessa perspectiva, a cultura funciona como um afeto (estímulo) que produz emoção e resulta em sentimento de felicidade da mãe.

Nessa mesma direção, revelamos outro relato publicado pelo jornal “A gazeta do Acre” online, no qual Jocycleia Alves, mãe da rainha mirim Luna, afirma que a filha faz parte do São João desde a gestação: “Eu dancei grávida dela, quando ela nasceu, dancei com ela no colo. Ela já dançou de noiva mirim. É uma trajetória grande e ela só tem 7 anos, mas sempre esteve envolvida na quadrilha”. A mãe ressalta: “Ela dança por amor, se entrega e ama o que faz”.

A partir das narrativas, torna-se possível refletir sobre o papel significativo das práticas culturais juninas como espaço de formação social, de simbolismo e ritual (Turner, 1974) que envolve não apenas os indivíduos adultos, mas também suas famílias e comunidades a partir de tenra idade como processo identitário do quadrilheiro a partir do chamado ritual de passagem cujas fases são: separação, liminaridade e reagregação. No entanto, vale ressaltar que, do ponto de vista crítico, podemos imaginar que há uma intencionalidade na escolha dos depoentes para o mencionado jornal online. Certamente, o entrevistador selecionou apenas depoimentos que expressasse regozijo à festividade.

Nesse sentido, é possível que as crianças desenvolvam o pensamento de se projetarem como futuros artistas quadrilheiros, dando continuidade aos caminhos trilhados por seus familiares. Para Menezes Neto (2009, p. 156) o “quadrilheiro não “dança” quadrilha, “vive” quadrilha, em toda a sorte de relações e sentimentos intrínsecos a essa vivência” (Menezes Neto, 2009, p. 156). Assim, entendemos que há fortes fatores subjetivos no movimento quadrilheiro que interferem na criação performática dos participantes, unindo-se a partir de laços de afetividades na vida cotidiana dentro e fora da quadrilha junina.

Considerações finais

No âmbito da apresentação desse trabalho, dialogamos com a temática concernente à cultura enquanto performance numa articulação com o fazer junino. O objetivo geral foi analisar as temáticas das quadrilhas juninas e os relatos de espectadores do 17º CJRB à luz da teoria da performance, visando a compreender o conceito de cultura

enquanto ato performativo para sugerir novas construções de sentidos de maneira crítica, assumindo diferentes papéis socioculturais. Além disso, enfatizamos a descrição de conceitos de *performances* não apenas na relação estabelecida entre arte, dança e teatro, mas também como comportamento restaurado no cotidiano impresso nos rituais do fazer junino. Para a estruturação metodológica da pesquisa, tivemos como base a pesquisa bibliográfica de cunho documental a partir da leitura de matérias jornalística de circulação online e de outras fontes, os quais constituíram o corpus da investigação.

Nesse contexto, a partir da análise do corpus dessa investigação, observamos a existência de afetos, emoções refletidas nos sentimentos revelados pelos relatos dos depoentes. Ademais, identificamos as possibilidades de confirmação de que a aquisição de habilidades dos quadrilheiros começa a se manifestar ainda na infância, sobretudo entre aqueles que são filhos de profissionais das performances. Identificamos que as temáticas criadas pelos grupos quadrilheiros abordam a diversidade, a interdisciplinaridade desde assuntos que envolvem a oralidade, a regionalidade, a religiosidade, o folclore amazônico até enfoques ambientais rio-branquense que dialogam com as performances no sentido global.

A partir do exposto nessa pesquisa que abordou concepções de Cultura Popular e performances no fazer junino, foi analisado o discurso que prever a forma de organização do 17º CJRB, destacando a profundidade analítica dos temas em relação a questões socioculturais de Rio Branco. Cada um dos oito grupos abordou sua temática de forma distinta, no entanto o tema da JMR nos chamou a atenção por tratar de questões ambientais que envolveram ações sobre a preservação do rio Acre.

A JMR foi classificada como terceiro lugar na competição, cuja proposta temática apresentada no enredo consideramos relevante, embora, percebemos certa fragilidade na elaboração do enredo no que se refere à inconsistência na compreensão do conceito de cultura enquanto instrumento de reflexão crítica. A JMR, a partir do tema, poderia ter explorado a questão das queimadas e das enchentes, as lutas e desafios dos moradores que perdem seus bens materiais no período de enchente do rio Acre, além de correrem o risco de contraírem doenças infecciosas por manterem contato com águas contaminadas.

Ainda assim, do ponto de vista filosófico e sociológico, entendemos que, analisar o processo dinâmico performativo das quadrilhas juninas constituem uma tarefa complexa no campo das ciências sociais e humanas, considerando as limitações de

informações divulgadas por diferentes fontes, mas entendemos a contribuição da pesquisa na articulação da vida em sociedade.

Nesse sentido, as quadrilhas juninas configuram-se como instituições comunitárias que produzem performances artísticas, espetáculos coletivos e redes de afetividade, fortalecendo dinâmicas de convivência, solidariedade e pertencimento entre famílias e comunidades locais. Paradoxalmente, apesar de seu relevante papel social e cultural, tais manifestações ainda são frequentemente pouco valorizadas ou reconhecidas de forma consistente pelas políticas culturais inseridas em lógicas econômicas mais amplas. Portanto, esperamos que nossas ideias performativas expressas nesse estudo possam servir de inspiração para futuras pesquisas em áreas afins.

Referências

AUSTIN, John. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Porto Alegre, Artes Médicas. Tradução Danilo Marcondes. 1990 [1962].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais – 7ª edição. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BRASIL, **Lei municipal nº 2.374, de 05 de novembro de 2020**. Institui o Dia Municipal do Quadrilheiro Junino e o Circuito de Quadrilhas Juninas. Acre, 2020.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa p. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **Quando o campo está na cidade**: migração, identidade e festa. Sociedade e cultura, v. 10, n. 1, 2007.

NETO, Hugo Menezes. **O balancê no Arraial da Capital**: Quadrilha e tradição no São João do Recife. Recife: Ed. do Autor, 2009.

NETO, Hugo Menezes. **Música e festa na perspectiva das quadrilhas juninas de Recife**. Revista Antropológicas. Ano 19, 26(1):103-133, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23907/0>. Acesso em: 3 mar. 2026.

SCHECHNER, Richard. O que é performance? em **Performance studies**: na introducción, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51. 2006.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da compadecida**. 11 ed. Livraria Agir Editora. Artes gráficas indústrias reunidas S. A. RJ. 1975.

TURNER, Victor. **Liminaridade e communitas**. o processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.

ZARATIM, Samuel Ribeiro. **As performances da cultura junina**. Atena Editora. 2021.